

TECNODIVERSIDADE E SOTAQUES LOCAIS: UMA DISCUSSÃO SOBRE JORNALISMO ONLINE EM MÍDIAS ALTERNATIVAS NO BRASIL

TECHNODIVERSITY AND LOCAL ACCENTS: A DISCUSSION ABOUT ONLINE JOURNALISM IN ALTERNATIVE MEDIA IN BRAZIL

Francilene de Oliveira Silva

Universidade Federal de Santa Catarina

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2798-6969>

Jamila Carvalho

Universidade Federal de Santa Catarina

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8079-5846>

Andressa Kikuti

Universidade Federal de Santa Catarina

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9486-8465>

Jacques Mick

Universidade Federal de Santa Catarina

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8456-9488>

DOI: 10.9771/contemporanea.v23i1.69467

RESUMO

O artigo analisa como veículos de mídia alternativa refletem e fazem uso da tecnologia, em geral vista como universalizante, na pauta e na linguagem do jornalismo local, por definição territorializadas. Partindo de revisão bibliográfica com enfoque nos conceitos de tecnodiversidade, de Yuk Hui, e rede sociotécnica, de Bruno Latour, a metodologia desenvolve análise de discurso dos veículos locais Amazônia Real, Mídia Indígena e Rádio Yandê e dos podcasts As Cunhãs e Budejo. Os veículos integram a tecnologia como forma de criar identidade e conhecimento, incorporam “sotaques locais” em linguagem, apuração e pauta, e mostram novas formas de fazer jornalismo, valorizando histórias locais, que, muitas vezes, ficam

de fora da mídia tradicional. Além disso, constroem redes não apenas locais, mas também sociais, bem como atuam com lógica glocal (global+local). A conclusão aponta que os meios analisados entendem a necessidade de adaptar narrativas às especificidades culturais, equilibrando a prática jornalística com as experiências locais a partir da tecnodiversidade.

Palavras-chave: Jornalismo local, tecnodiversidade, tecnologia, rede sociotécnica, pauta.

ABSTRACT

This article analyzes how alternative media outlets reflect and utilize technology, generally seen as universalizing, within the agenda and language of local journalism, which is by definition territorialized. Based on a literature review focusing on Yuk Hui's concepts of technodiversity and Bruno Latour's sociotechnical network, the methodology involves a discourse analysis of the local outlets Amazônia Real, Mídia Indígena, and Rádio Yandê, as well as the podcasts As Cunhãs and Budejo. These outlets integrate technology as a way to create identity and knowledge, incorporate "local accents" into their language, reporting, and agenda, and demonstrate new ways of doing journalism, valuing local stories often left out of traditional media. Moreover, they build not only local but also social networks, operating with a 'glocal' logic (global + local). The conclusion indicates that the analyzed outlets understand the need to adapt narratives to cultural specificities, balancing journalistic practice with local experiences based on technodiversity.

Keywords: Local journalism, technodiversity, technology, sociotechnical network, news agenda.

INTRODUÇÃO

O jornalismo local se caracteriza pela sua proximidade com as audiências e com o território em que atua (Amiel, 2018). Embora o termo possa ter diferentes conceituações e denominações - como "regional", "de proximidade", "comunitário" ou "hiperlocal" - todas partilham o foco em informações relevantes para a vida cotidiana das pessoas em uma área geográfica específica (Ramos, 2023; Olsen, 2020), embora o jornalismo local não seja definido apenas pelo território.

A conexão geográfica é um aspecto central, especialmente para veículos de pequenas cidades, apesar disso, o conceito extrapola para além das fronteiras físicas, principalmente no ambiente digital: com a internet, uma notícia local pode ser acessada globalmente,

levando aos conceitos de “glocal” (global e local ao mesmo tempo) e “jornalismo de proximidade” (Ramos, 2023).

O jornalismo local também é visto como um agente de desenvolvimento da comunidade (Camponez, 2002) e fundamental para as democracias locais, funcionando como um ponto de encontro e uma “cola social”. A conexão com a comunidade pode ser reforçada através de proximidade psicoafetiva, valorizando o sentimento de pertencimento (Amiel, 2018; Ramos, 2023). O jornalismo local busca se reinventar através de novos modelos, que envolvem aprimorar a relação entre jornalistas e seus públicos, explorando o uso de novas tecnologias e novas linguagens, para enfrentar desafios como a baixa disposição do público para pagar por notícias online (Olsen, 2020).

O uso da tecnologia é um dos caminhos para a reinvenção do jornalismo local. Neste artigo, queremos entender como veículos glociais incorporam a tecnologia para construir sentidos sobre seus territórios, moldando a pauta e adicionando sotaques à linguagem, para evocar pertencimento tanto a comunidades que se conectam num mesmo território como àquelas que se espalham pelo mundo. O objetivo deste trabalho é analisar o discurso institucional de cinco meios de comunicação glociais do Brasil com atenção ao modo como afirmam usar a tecnologia. A partir de categorias elaboradas por Hui (2020) e Latour (1994, 2002, 2012), promovemos uma análise de discurso de documentos institucionais dessas cinco mídias.

A primeira parte do texto discute a relação entre jornalismo e tecnologia e os conceitos de tecnodiversidade e rede sociotécnica. A segunda apresenta os veículos glociais escolhidos intencionalmente para o estudo e descreve suas relações com a tecnologia. Por último, apontamos nossas considerações sobre o tema.

JORNALISMO E TECNOLOGIA

O vínculo entre tecnologia e jornalismo é profundo e complexo, levando a novas formas de trabalho definidas por e dependentes da tecnologia (Zamith; Braun, 2019). Essa influência mútua entre a tecnologia, entre o humano e seu trabalho passa pela pauta e pela linguagem, saberes profissionais de reconhecimento e narração. O impacto da tecnologia sobre o jornalismo costuma ser analisado sob duas perspectivas distintas. Na abordagem da universalidade, a tecnologia é vista de forma linear e persegue alcance universal para o progresso de um ideal iluminista e positivista, que segue em direção

única, progressiva¹. A abordagem da tecnodiversidade valoriza a pluralidade de formas de relação entre tecnologia e cultura, a ideia de que não há uma única forma universal de pensar, desenvolver e usar tecnologias (Hui, 2020)². Dessa forma, parte-se da hipótese de que, para fortalecer o engajamento com o público, o jornalismo precisa abandonar a visão universalista e adotar uma posição e linguagem que respeitem as especificidades culturais, sociais e emocionais de cada território. A questão que se impõe é a necessidade de procurar um outro tipo de linguagem, um modo novo de dialogar, que pode ser formulado como um “sotaque”. A tecnologia, nesse contexto, pode ser uma aliada ou uma barreira, dependendo de como for utilizada.

“Sotaque local” é aqui sugerido como uma linguagem que reflete a cultura, a realidade e as vivências específicas de uma comunidade. Pode-se perceber a influência do contexto local na pauta, apuração e linguagem. A escolha da pauta, ou seja, o que é considerado notícia, varia de acordo com o território e a realidade local. A apuração, por sua vez, requer a seleção de fontes e dados que considerem a vivência da comunidade. Por fim, a linguagem utilizada na narrativa jornalística deve estabelecer uma conexão com o público. A tecnologia não é apenas um meio pelo qual a comunicação acontece, mas tem um impacto editorial na forma como os jornalistas recolhem, filtram e priorizam a informação, bem como na forma como a comunidade a recebe e a percebe (Cohn, 2024).

Para alguns autores, a influência da tecnologia no jornalismo deu a ela o papel de “editora principal”, a primeira influência externa a ter efeito sobre o texto (Cohn, 2024). De acordo com o autor, esse padrão repetiu-se em todas as revoluções tecnológicas: a televisão enxugou ainda mais os textos, os motores de busca sugerem uma linguagem voltada para os robôs e *PageRanks*, os compartilhamentos nas redes sociais pedem textos de chamadas com engenhosidades do marketing denominadas “gatilhos” para o clique - e assim por diante. As pessoas delegam suas ações para as tecnologias, que as realizam de forma automática substituindo esforços, processo a que Latour (1994) denominou como mediação da delegação.

Conforme Sharifzadeh (2020), a tecnologia também atribui ações aos humanos e determina o usuário ideal. Cohn (2024) denomina como “abraçar as restrições” a forma como as plataformas ditam suas instruções para os usuários. Para ele, as tecnologias se tornaram as primeiras editoras, pois no passado os editores eram responsáveis pelo seu próprio espaço ou tinham mais domínio sobre ele. Hoje, precisam publicar em plataformas de *big techs*, que oferecem restrições fora de seu controle, como os números de caracteres

e o *play* automático em vídeos. Percebe-se uma onipresença das plataformas com jornalistas respondendo cada vez mais a suas lógicas específicas. Para a produção de conteúdos, já não se concentram apenas nos padrões tradicionais de qualidade jornalística, satisfazendo antes a necessidade de envolvimento e atenção do público (Longhi, 2024).

Secco Jr (2024) alerta sobre a invisibilidade de meios locais nas primeiras posições de buscadores. Isso acontece porque o *PageRank* privilegia sites com mais acesso. O algoritmo torna o jornalismo refém quando o submete ao apagamento e invisibilidade do trabalho de jornalistas locais. “O jornalismo local é uma força social no combate à desinformação porque é capaz de verificar *in loco*, testemunhar o que acontece de perto. Ao priorizar outros critérios de relevância, os algoritmos calam as notícias das pequenas comunidades: um desserviço à população” (Secco Jr., 2024)³. De maneira complementar, outras questões que eram classicamente atribuídas como missão do jornalismo local, como informações de trânsito ou do clima, podem ser facilmente acessadas por outros meios que sequer requerem a intermediação jornalística.

O jornalismo, nesse cenário, ainda que com a presença de novos atores mediando o alto fluxo de informações entre emissores e receptores, nos mais diversos modelos dessa comunicação, ainda é imprescindível. Mas por qual razão? Porque ele se transformou em uma espécie de “seguro de vida” social. Da mesma forma que os seguros funcionam, ele pode até ser ignorado durante maior parte de sua existência, mas é imediatamente acionado quando nada além dele pode suprir o seu propósito ético-deontológico. Se o Google Maps ou Waze dão as coordenadas para uma pessoa ir de sua casa ao seu trabalho e informam que há um grande engarrafamento, não contam qual o motivo. E, se contam, não exploram as nuances e não apuram outras pautas. Não entrevistam autoridades locais, não contam histórias. O jornalismo é o seguro de uma sociedade que há algum tempo o vê com estranhamento e desconfiança, mas ainda continua precisando dele.

Com as tecnologias mais complexas, o valor do jornalismo passará da produção para outra coisa: “É aquela ‘outra coisa’ onde a influência editorial da IA generativa se tornará aparente” (Cohn, 2024). De acordo com o autor, a ênfase dos jornalistas deve ser encontrar o “novo”, não apenas “estar por dentro”, mas cultivar relacionamentos pessoais e digitais para continuarem informados e reunir informações únicas que aumentarão o valor de seu trabalho, além da criação de conteúdo comprovadamente criado pelo homem. Nesse quesito, o jornalismo local pode ser especialmente promissor: como as equipes

conhecem o cenário local e têm relações com fontes no terreno, sabem direcionar a cobertura e até mesmo antecipar contextos (Assis, 2024).

TECNODIVERSIDADE E REDES SOCIOTÉCNICAS EM DIÁLOGO COM O JORNALISMO LOCAL ONLINE

Questionando o universalismo, Hui (2020) defende um pensamento reflexivo em torno da tecnologia a partir da localidade com dois conceitos-chave: tecnodiversidade e cosmotécnica. A tecnodiversidade é uma proposta teórica para combater o determinismo tecnológico na perspectiva de pensar a tecnologia fora dos paradigmas ocidentais, levando em consideração especificidades culturais e filosóficas de diferentes locais. Hui propõe que cada cultura possa desenvolver sua própria forma de pensar a técnica. A cosmotécnica refere-se à multiplicidade de técnicas caracterizadas por diferentes dinâmicas entre o cósmico, a moral e o técnico. Para o autor, a técnica sempre está localizada e corresponde a uma determinada cosmovisão.

Hui entende o local como resistência a um pensamento totalizante, que não está desconectado do global, mas se apropria dele. Em síntese, questiona o universalismo como um caminho único e apresenta a localidade, a diversidade e a consciência como formas de superar o dualismo. Esses caminhos são formas de resistir que podem ser implementados a partir de outro conceito, a cosmopolítica, uma reconfiguração da ordem mundial, uma reconciliação entre o universal e o particular (e o singular), cujo “progresso” segue em várias direções envolvendo tecnologias desenvolvidas em contextos locais como parte da solução para problemas globais, assim como a necessidade de uma política decolonial ou contracolonial (Bispo, 2023) que permita a existência de uma pluralidade de cosmotécnicas.

Esse conceito nos convida a pensar como as tecnologias jornalísticas são concebidas, produzidas ou utilizadas. Isso significa perguntar também se valorizam formas locais e comunitárias de produção e circulação de informação. Latour (2002) argumenta que a combinação de tecnologia e outros modos de existência nos leva a um novo tipo de história caracterizada pela multiplicação das entidades que devemos considerar e aprender a reunir (ideias, pessoas, objetos, sistemas etc.) em um todo coerente. O autor alega que precisamos de uma nova forma de discurso político que possa lidar com a complexidade e a multiplicidade do mundo moderno. Ele sugere que tal discurso político deve ser capaz de negociar as relações entre uma variedade de entidades diferentes e ajudar

a construir um “mundo comum”. Dessa forma, entende-se que esse discurso político pode ser criado por formadores de opinião, como os jornalistas.

O cosmopolitismo produz essa interconexão, mas, como conexão, não apaga as diferenças. Pode-se questionar se há uma linguagem comum dos cosmopolitas ou essa linguagem tem um poder de adaptar-se a territórios específicos em que o cosmopolitismo se dá. Ou seja, qual é o lugar daquilo que é próprio da cultura local para a construção da linguagem? Há relevância em pensar as singularidades da prosa: em que se reconhece uma autoria, um sabor narrativo que está presente para contar a história que, mesmo em sua singularidade, pode encontrar a universalidade (Genro Filho, 1997). Se a linguagem do cosmopolitismo é universal, como dar conta dessas diversas universalidades em uma cidade só? O desafio é encontrar um ponto de equilíbrio ou o mínimo denominador comum que converse com todas as pessoas. Ou talvez aceitar que cada comunidade vai ser alcançada por um tipo de discurso diferente por meio da tecnologia.

Para Hui (2020), a universalização leva ao apagamento da diversidade e do outro. Ele questiona uma forma de entendimento do mundo que não consegue olhar para fora de si mesmo, mostrando a consciência como um espaço de reflexão capaz de mudar as coisas a partir do reconhecimento de si como fundamental para o reconhecimento do outro, mesmo em sua contradição. O entendimento do outro está diretamente relacionado ao jornalismo e à definição de pautas e do que enxerga como importante. No dizer de Fabiana Moraes:

Quando penso em pauta, é olhar para esses lugares onde as questões estão naturalizadas. Eu penso que a pauta é uma espécie de pá, pra ir quebrando a crosta, a terra, a pátina, para você desnaturalizar aquilo que está muito assentado e visto como normal. Pra mim é importante olhar para as coisas, tentando cercar, sobrevoar, pegar a pá e olhar por baixo, pra entender se aquilo é aquilo mesmo (Abraji, 2024).

Um jornalismo que parte de uma pauta-pá questiona as estruturas. Em Assis (2024), Ana Ávila diz que é preciso “refletir um pouco mais sobre as coisas e não simplesmente dar a notícia”. Equipara-se aqui a pauta à mediação da caixa preta reversível (Latour, 1994). Para o sociólogo, a tecnologia envolve a ação de muitos atores, que podem pertencer a diferentes épocas e lugares, mas que estão escondidos em uma “caixa preta” e, muitas vezes, passam despercebidos. Ainda de acordo com o autor, ela “se manifesta precisamente pela acumulação sucessiva de camadas, cada uma das quais torna as anteriores mais obscuras” (Latour, 2002, p. 251). Da mesma forma, a pauta deve buscar

as complexidades escondidas naquilo que aparece simplificado ou naturalizado, em que é difícil perceber a ação dos atores.

A pauta-pá é a sustentação do jornalismo, pois exige reflexão e tempo. Em tempos de aceleração tecnológica (Rosa, 2003; 2019), com as práticas de produção e recepção jornalísticas cada vez mais aceleradas, há, de um lado, a “infoxicação” e de outro, a fadiga de notícias. Uma conta que não fecha. Min (2022) argumenta que a ênfase em soluções rápidas, a adoção irrefletida de tecnologias nas rotinas produtivas e a extensa preocupação de adequar-se aos requisitos das plataformas fazem com que haja uma disfunção na “arte” tradicional do jornalismo. Segundo ele, os profissionais estão menos preocupados com a aquisição e aperfeiçoamento de “[...] boas competências de entrevistas, desenvolvimento de fontes e networking, compreensão do contexto, verificação e fact-checking, além da boa escrita” (Min, 2022, p. 67) e mais com outras questões que a adoção de variadas ferramentas impõem. Se o jornalismo está centrado na tecnologia, sobra pouquíssimo espaço para as atividades centrais e mais para a requalificação permanente dos jornalistas em novas ferramentas que muito prometem revolucionar o jornalismo, e pouco cumprem, escritas voltadas para os *search engine optimizations* (SEO), além da pressão e imediatividade para dar a notícia primeiro. A imagem advinda da discussão é que a “pauta-pá” fica sob os escombros de uma avalanche de entulhos tecnológicos.

O sotaque não está só na linguagem, mas também está na pauta, no modo de enxergar o que é notícia ou não. Normalmente os jornalistas tornam notícia aquilo que enxergam, mas não o que as pessoas enxergam, por isso é relevante um jornalismo que se engaje numa comunidade e que reflita esse pertencimento. O “ver” é sempre uma capacidade de ver em que estão presentes os marcadores de onde o jornalista vem e qual a sua capacidade de reconhecer o outro. Um dos maiores desafios talvez seja o conflito entre os capitais específicos dos jornalistas e os capitais da comunidade. Latour (2012) e Hui (2020) compartilham o pensamento de Deleuze, que enfatiza a diferença e não o consenso. A diferença na capacidade de enxergar o outro para não o sujeitar ou o invisibilizar. O jornalista, mesmo o “nascido e criado” na comunidade, depois que adquire o capital jornalístico e incorpora a práxis do ofício, ainda precisa enxergar o local no sentido da alteridade antropológica, que enxerga as diferenças para poder enxergar a si mesmo e vice-versa.

O que o jornalista vê e o que a comunidade vê, muitas vezes, entram em conflito porque, no domínio do saber de reconhecimento, é um traço-chave da autoridade do

jornalista dizer o que é uma notícia e o que não é. Então, quando se fala em sotaque local, abre-se espaço para que a comunidade possa dizer o que seria a notícia para ela, mesmo algo que, aparentemente, para o jornalista não tenha noticiabilidade. Por que a comunidade não pode reconhecer o que é notícia? E como transformar o mundo sem transformar as percepções e os modos de pensar o mundo? Como pensá-lo a partir do local se conecta com o fazer específico do jornalismo? O que se pauta no jornalismo é aquilo que a comunidade tem interesse?

Pensando nesse tema, o cosmopolítico é um desafio. Como é possível preservar o típico do território, e ainda assim ser cosmopolítico? Seria possível pensar que determinadas causas poderiam ter o mesmo efeito do jornalismo local em comunidades afetadas em diferentes lugares do mundo? Como não imaginar que um veículo de uma capital - que cobrisse eminentemente o aspecto ambiental e as dificuldades advindas dos efeitos irascíveis já sentidos das mudanças climáticas - não poderia ser acompanhado e financiado por pessoas do mundo inteiro que também sentem a necessidade de um jornalismo especializado no tema? Seria essa uma proposta factível de preservar o território, por mais estratificada que seja a cidade, sem deixar de lado o que é cosmopolita e cosmopolítico, como o caso das mudanças climáticas? Stengers (2018), ao remontar o termo “cosmopolítica”, enfatiza o engajamento coletivo com as questões políticas. A solução única, perfeita, ideal não existe. Em vez disso, o respeito às diferenças entre os contextos locais de cada país ou povo é crucial para um engajamento político efetivo.

MÍDIAS JORNALÍSTICAS GLOCAIS E SUAS RELAÇÕES COM A TECNOLOGIA

Para uma discussão empírica do tema, este trabalho examina, por meio da análise de discurso inglesa (Manhães, 2015), cinco veículos locais que se enquadram no conceito mais amplo de “glocal”: Amazônia Real, que estrutura o jornalismo a partir de uma perspectiva de comunidades amazônicas; Mídia Indígena e Rádio Yandê, sob a perspectiva indígena; e os podcasts As Cunhãs e Budejo, sob a perspectiva nordestina. Esses meios, intencionalmente escolhidos, produzem conteúdo a partir de territórios específicos com forte vínculo com suas comunidades locais ou identitárias, apesar de, em muitos casos, terem alcance nacional ou internacional.

Amazônia Real⁴, sediado em Manaus, cobre a região amazônica com foco em vozes locais, indígenas e ribeirinhas. Mídia Indígena⁵ foi criado por comunicadores indígenas de

diversas etnias e aldeias, com base em suas próprias demandas e linguagens. A Rádio Yandê⁶ considera-se a primeira empresa de comunicação indígena online e web rádio indígena divulgando a cultura indígena. No Ceará, o podcast As Cunhãs⁷ (termo tupi que significa “mulher” e que faz parte do linguajar local) discute acontecimentos e conjunturas políticas do estado. O podcast Budejo⁸ (falar de maneira baixa), também cearense, aborda diversos temas sob o olhar de quatro caririenses.

Tais meios constroem redes em locais diversos atuando como “glocais”: eles falam para o mundo sem perder as raízes, convidando a redefinir o jornalismo local como um jornalismo cosmopolítico. A produção dessas mídias rompe com a ideia de que o jornalismo local é apenas como uma cobertura de bairro: eles propõem o local como um território de pertencimento. Neles, o jornalismo é feito por quem pertence ao território, seja físico, cultural ou ancestral. Eles constroem uma contranarrativa ao jornalismo tradicional, do qual se sentem excluídos. Além disso, parte dos veículos analisados escutam suas comunidades incorporando-as nos processos de pauta e produção trazendo uma narrativa que não segue a lógica do “furo” e da urgência, mas da escuta.

Os critérios de escolha dos veículos estão relacionados:

- (a) a constituírem-se como mídias alternativas em que foi observada uma lógica glocal de produção de conteúdo e
- (b) à relevância dos veículos para seus públicos.

A seleção aconteceu também a partir da observação de mídias que alguns dos pesquisadores(as) já acompanhavam.

Após a definição dos meios, a análise de discurso foi conduzida a partir da coleta dos textos de apresentação dos veículos para seus públicos, seguida de uma análise para identificar o entendimento de tecnologia pelo veículo, assim como seu uso e influências na linguagem, além de buscar identificar a rede de vozes presentes com a perspectiva de dialogar com os conceitos de tecnodiversidade e rede sociotécnica.

Entre as limitações enfrentadas estão as reformulações de conteúdo produzidas por um dos veículos durante a investigação. Pode-se citar a atualização do site Mídia Indígena. Na versão anterior, não foi possível localizar uma seção institucional. Também houve alteração de formulário utilizado no perfil do Instagram. Outra limitação importante refere-se aos textos considerados na investigação. Para esta primeira pesquisa, foi

estabelecido o exame dos textos institucionais de apresentação, ou seja, o discurso dos veículos sobre si mesmos. O exame das pautas e linguagens dos veículos produzidas para seus públicos fica como sugestão para pesquisas futuras.

A análise dos meios foi feita com base nas seções “Sobre”, “Quem somos”, “Princípios editoriais” e banners institucionais na página inicial dos sites para entender como eles incorporam e constroem o sentido de localidade e tecnologia, assim como revelar disputas simbólicas com os meios tradicionais⁹. O estudo foi realizado com a contextualização de cada veículo, leitura prévia, identificação de palavras e expressões como “localidade”, “território”, “tecnologia”, “rede”, “pauta” e “linguagem”. Depois elaborou-se uma análise discursiva sobre “quem fala?”, “de onde?”, “para quem?” e “com quais valores?”. Em seguida, os achados foram relacionados aos conceitos de tecnodiversidade, rede sociotécnica, jornalismo local, pauta e linguagem.

De acordo com a análise, para a Amazônia Real, pode-se inferir que a tecnologia não é central no texto institucional, mas aparece como meio de distribuição e democratização da informação, conforme aponta “as notícias produzidas e publicadas no site www.amazoniareal.com.br chegam às populações tradicionais pelas redes sociais, entre elas, a plataforma WhatsApp”. A tecnologia é, então, entendida como meio de inclusão. A localidade é a própria Amazônia, não apenas geográfica, mas também cultural e política. O local é definido pelas populações tradicionais, que devem ser protagonistas de suas próprias narrativas. O veículo “defende que grupos sociais como povos indígenas, populações tradicionais [...], são sujeitos e protagonistas de suas próprias narrativas, sem necessidade ou interferência de mediadores”. As vozes autorizadas são os próprios sujeitos amazônicos. O meio se posiciona como facilitador, e não como intermediário, “dar voz a quem não a tem [...] exigindo a responsabilidade daqueles que podem atender às suas demandas”. A Amazônia Real se coloca em oposição à grande imprensa, pois entende que ela não dá espaço ao território amazônico. Ao mesmo tempo, se insere em redes globais de jornalismo transparente, como o The Trust Project¹⁰.

A Mídia Indígena entende que a tecnologia não é uma ferramenta externa, mas um meio de luta, conexão e legitimação da diversidade indígena. “Nossa maior tecnologia é ancestral”. A tecnologia é parte da cosmovisão indígena, sendo ressignificada a partir das práticas coletivas. “A comunicação indígena se consolidou como uma das principais ferramentas de luta pelo reconhecimento dos direitos indígenas”. O local é a aldeia, o bioma, o território originário, mas também é a conexão entre múltiplos territórios

indígenas, uma localidade em rede. “Essas iniciativas incluem formações, produções colaborativas e a ampliação de narrativas que conectam aldeias, estados, regiões e biomas em uma rede potente e engajada”. O veículo é produzido por indígenas para indígenas e não indígenas, afirmando o lugar de fala como condição ética da comunicação. “A Mídia Índia é o maior veículo de comunicação formado por indígenas [...] coordenado por indígenas”. Opera de forma autônoma, mas usa as redes sociais com grande alcance (Instagram e Facebook) para ampliar sua mensagem. Dessa forma, usa a ferramenta sob sua própria lógica.

A Rádio Yandê considera a tecnologia como instrumento de reconexão cultural. Ela se coloca como projeto tecnocultural indígena, uma “etnomídia digital”. “Acredita no poder da tecnologia como meio e ferramenta para unir as pessoas e amplificar as vozes indígenas”. A tecnologia aqui é cosmotécnica (no sentido de Yuk Hui) conectada à tradição, mas atualizada para o ambiente digital. Ela vai além das barreiras geográficas, sem romper com as raízes. “Onde a tradição e a modernidade se encontram”. O “local” é entendido como identidade e ancestralidade. A web rádio funciona como extensão dos territórios simbólicos e linguísticos indígenas. “Mergulhe nas tradições, idiomas e conhecimentos ancestrais” - a fala é dos correspondentes indígenas, que são os produtores de conteúdo. A Rádio Yandê atua fora dos moldes tradicionais da plataforma, mas utiliza a internet para difundir o que a mídia tradicional não mostra. “Aproveite o poder da tecnologia para explorar, aprender e se envolver com a riqueza da cultura indígena”.

O podcast As Cunhãs não menciona a tecnologia diretamente na página “Sobre” do Spotify e a utiliza como distribuição de conteúdo. O veículo está ligado ao território político e cultural do Ceará, com ênfase em perspectivas feministas. A localidade é regional, mas permeada por engajamento político: “Podcast semanal sobre política do Brasil e do Ceará”. O podcast é feito por três jornalistas mulheres, que constroem autoridade a partir da experiência regional e profissional. Assim como as Cunhãs, o Budejo também não tematiza a tecnologia em seu discurso institucional. O local é o Cariri cearense, em sua cultura, sotaque e olhar. O podcast mantém a visão sertaneja como forma de interpretação do mundo, inclusive temas globais. “Leva aos seus ouvintes o sotaque desta região do sul do Ceará e a visão sertaneja sobre todos os temas que aborda”. O projeto é realizado por quatro jovens caririenses. A autoridade vem da identidade regional e da vivência.

O conceito de redes, dentro do contexto dos discursos institucionais dessas mídias (especialmente Amazônia Real, Mídia Indígena e Rádio Yandê), aparece de maneira implícita

e estratégica, tanto como infraestrutura digital quanto como organização relacional e política. Todos os três enfatizam seu uso de plataformas digitais, como sites, redes sociais e aplicativos de mensagens. Rede é meio técnico de distribuir histórias locais para um público maior e ampliar o alcance de vozes com pouco espaço na mídia hegemônica. As redes possibilitam a tecnodiversidade, ou seja, pluralizam as formas de circulação de informação, mesmo dentro das infraestruturas dominadas pelas *big techs*.

As redes também são apresentadas como conjuntos de pessoas, coletivos e territórios interligados por um projeto comum: a luta por visibilidade, justiça e autonomia comunicacional. A rede não é só técnica, é sociopolítica - são articulações entre sujeitos e saberes locais que formam uma estrutura alternativa de produção de conhecimento e narrativa, o que se aproxima da noção de redes sociotécnicas. A rede é mais do que uma infraestrutura digital, é uma forma de existência de comunicação alternativa. Nesse sentido, também é uma expressão de tecnodiversidade, pois mostra novas formas de fazer jornalismo diferentes das práticas hegemônicas.

Ao analisar pauta e linguagem nas seções institucionais do Amazônia Real, Mídia Indígena, Rádio Yandê, As Cunhãs e Budejo, percebe-se que essas duas dimensões, o que se escolhe cobrir e como se comunica, são centrais para entender como eles constroem outras formas de jornalismo a partir de suas territorialidades. Na Amazônia Real, a pauta está centrada nas questões da Amazônia e do seu povo, como direitos humanos, justiça ambiental, diversidade, populações tradicionais. O foco é a busca de grandes histórias da Amazônia e de suas populações, em especial daquelas que não têm espaço na grande imprensa, não como nicho, mas como eixo editorial estruturante. Pautas não são só temas, são posições políticas. Na Mídia Indígena, a pauta é 100% relacionada a temas transversais à causa indígena. É marcada pela defesa dos territórios, cultura, modos de vida e direitos. Na Rádio Yandê, as pautas versam sobre tradições culturais, idiomas indígenas, música, espiritualidade e luta social: “Nossa programação abrange uma variedade de tecnologias atuais, destacando as conquistas, desafios e a riqueza culturais das comunidades indígenas do planeta”. Em As Cunhãs, a pauta é centrada em política e sociedade, com ênfase no Ceará. Em Budejo, a pauta é o cotidiano nordestino, a cultura local e popular, a “vontade de falar do estilo de vida e das tradições do Cariri”.

Todos os veículos usam a linguagem como forma de afirmação de identidades. A Amazônia Real escreve com formalidade jornalística, mas priorizando a pluralidade de vozes e a escuta ativa. A Mídia Indígena e a Rádio Yandê usam termos como “ancestralidade” e

“etnomídia” conectando a linguagem ao cosmos simbólico indígena. As Cunhãs e o Budejo assumem sotaques, regionalismos, humor e afetividade, desafiando a neutralidade da norma culta jornalística. As mídias analisadas rompem com a ideia de objetividade jornalística e assumem que a linguagem não é neutra: é posicionada e afetiva. Em Mídia Indígena e Rádio Yandê, a linguagem é também cosmopolítica: conecta conhecimento, espiritualidade, ecologia e luta. No Budejo, a linguagem oral descontraída é uma forma de fazer política cultural, reconhecendo o valor da fala nordestina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infere-se, a partir do diálogo com autores como Hui e Latour e dos casos analisados, que, para fortalecer o engajamento com o público, o jornalismo pode adotar uma postura reflexiva em relação ao uso da tecnologia e sua influência nos processos e na essência do próprio ofício. Os enquadramentos de pauta e linguagem propostos pelas mídias analisadas neste artigo confirmam o espaço para um jornalismo local desterritorializado e cosmopolita.

Segundo Hui (2020), recolocar a questão da tecnologia é recusar um futuro tecnológico homogêneo que nos é apresentado como única opção. Devemos pensá-la à luz da diversidade e nos tornarmos protagonistas em relação ao seu uso, enxergando-a de modo diverso e plural, resultado de conhecimentos e locais variados. Pensar a tecnologia como única e universal, apenas guiada pela racionalidade, tira o protagonismo humano e do que nos faz humanos.

O jornalismo acompanha as mudanças tecnológicas, mas deve fazê-lo a partir de um espaço de consciência e reflexão. Para Min (2022), é necessária uma abordagem *mindful* para a adoção e uso de tecnologias, o que encontra ressonância em movimentos como o *slow journalism* e *slow media*. Segundo o autor, tais movimentos pregam que o debate sobre a adoção tecnológica precisa sair dos extremos “tecno-distopia” e “tecno-utopia” e pensam criticamente sobre o papel das tecnologias. Diversidade, contradição e complexidade aparecem como essenciais à vida social e ao uso das ferramentas tecnológicas.

O tempo todo o jornalismo está em um círculo de autorização e desatualização porque trabalha com a linguagem que vai mudando e mediando a realidade de formas diferentes com o surgimento de novas tecnologias. O exercício, então, está, além de ensinar a técnica e o uso das restrições, em fazer uma reflexão e construção de conhecimento participativo. Dominar a ferramenta implica compreender suas restrições a fim de poder usá-la para objetivos específicos.

A relevância do estudo está relacionada às transformações que o jornalismo vem enfrentando na era digital, ajudando a pensar como a tecnologia influencia o processo de pensar a pauta e a construção narrativa, principalmente em um contexto local ou glocal. Além disso, o estudo lança um olhar sobre como o jornalismo faz (ou não) um exercício reflexivo sobre o uso de tecnologias em um ambiente cada vez mais digitalizado. Na continuidade dessa investigação, a análise de discurso pode se concentrar não apenas nas falas institucionais, mas nas práticas das mídias no que se refere sobretudo à pauta e à linguagem, de modo a entender melhor como se configura cotidianamente o jornalismo com sotaque que elas praticam.

REFERÊNCIAS

ABRAJI. **Pautando a mudança**: uma homenagem a Fabiana Moraes. [S. l.]: Abraji, 2024. Disponível em: <https://vimeo.com/event/4441887/d27af15dad>. Acesso em: 31 jul. 2024.

AMIEL, Pauline. Vers une polyphonie énonciative de proximité? Pages Facebook de communautés, crowdfunding et presse locale en ligne. *Sur le Journalisme*, Bruxelles, v. 7 n. 2, p. 80-91, 2018. Doi: 10.25200/SLJ.v7.n2.2018.360.

ASSIS, Carolina. O jornalismo não para: como três meios digitais locais cobriram enchentes históricas no Rio Grande do Sul. *Latam Journalism Review*, 4 jul. 2024. Disponível em: <https://latamjournalismreview.org/pt-br/articles/o-jornalismo-nao-para-como-tres-meios-digitais-locais-cobriram-enchentes-historicas-no-rio-grande-do-sul/>. Acesso em: 31 jul. 2024.

BISPO, Antônio dos Santos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu;PISEAGRAMA, 2023.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de proximidade**. Coimbra: Minerva, 2002.

COHN, David. AI's coming inverted pyramid moment for journalism. *Poynter*, 13 jun. 2024. Disponível em: <https://www.poynter.org/commentary/2024/how-will-artificial-intelligence-change-journalism>. Acesso em: 17 jul. 2024.

DESINFORMAÇÃO se espalha no Facebook após rede social bloquear links de notícias no Canadá, aponta estudo. *O Globo*, 15 abr. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2024/04/15/desinformacao-se-espalha-no-facebook-apos-rede-social-bloquear-sites-de-noticias-no-canada-aponta-estudo.ghhtml>. Acesso em: 14 nov. 2025.

ETC: Jornalismo plataformizado: sobre narrativas e qualidade. [S. l.: s. n.], 2024. Publicado pelo canal JorTec. 1 vídeo (84 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/live/9BQQh5M56Uk>. Acesso em: 15 mar. 2025.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Ortiz, 1997.

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu, 2020.

KAHN, Gretel. Como o jornalismo independente do Canadá está sobrevivendo depois do apagão de notícias da Meta. **O Desinformante**, 14 nov. 2023. Disponível em: <https://desinformante.com.br/jornalismo-canada-apagao-meta/>. Acesso em: 17 jul. 2024.

LATOUR, Bruno. On technical mediation - philosophy, sociology, genealogy. **Common Knowledge**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 29-64, 1994. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/54-TECHNIQUES-GB.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2025.

LATOUR, Bruno. Morality and technology: the end of the means. **Theory, Culture & Society**, New York, v. 19, p. 247-260, 2002. Doi: 10.1177/026327602761899246.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012; Bauru: Edusc, 2012.

MANHÃES, Eduardo. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015. p.305-315.

MIN, Seong Jae. **Rethinking The New Technology of Journalism**: how slowing down will save the news. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2022.

OLSEN, Ragnhild Kristine. Understanding the relationship people in their early adulthood have to small-town news and paywalls. **Journalism**, [s. l.], v. 21, n. 3, e146488491988643, 2020. Doi: 10.1177/1464884919886438.

SHARIFZADEH, Rahman. Do artifacts have morality? Bruno Latour and ethics of technology. **Philosophy of Science**, Niterói, v. 9, n. 18, p. 69-86, 2020. Doi: 10.30465/ps.2020.4546.

RAMOS, Giovanni. **Jornalismo de proximidade em rede**. Covilhã: Labcom, 2023.

ROSA, Hartmut. Social Acceleration: ethical and political consequences of a desynchronized high speed society. **Constellations**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 3-33, 2003. Doi: 10.1111/1467-8675.00309.

ROSA, Hartmut. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais da modernidade. São Paulo: Unesp, 2019.

SCANLAN, Christopher. **Reporting and Writing**: Basics for the 21st Century. Oxford: Oxford University Press, 1999.

SECCO Jr., Domingos. **Castástrofe climática e a exclusão algorítmica do jornalismo local**. LinkedIn, 17 maio 2024. <https://encurtador.com.br/pIIa>. Acesso em: 17 jul. 2024.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 69, p. 442-464, 2018. Doi: 10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-464.

ZAMITH, Rodrigo; BRAUN, Joshua. Technology and journalism. In: VOS, Tim; HANUSH, Folker. (ed.). *The International Encyclopedia of Journalism Studies*. New York: Wiley, 2019. p. 1-7

NOTAS FINAIS

1. A tecnologia vista como única e universal, guiada pela racionalidade, influencia o jornalismo de diversas formas. Citamos como exemplo o impacto do telégrafo na linguagem jornalística. Inventado em 1845, muitos atribuem ao dispositivo o surgimento da pirâmide invertida junto a um ambiente intelectual em mudança (Scanlan, 1999). Para o autor, o telégrafo, em sua época, foi tão revolucionário quanto a internet. Por ser uma tecnologia cara, a pressão econômica influenciou um tipo de escrita que se afastava da linguagem floreada do século XIX para uma mais concisa que apresentasse no começo do texto as principais informações, se tornando um dos estilos literários mais influentes do século XX. A partir daí, o jornalismo, ao contar histórias nestes quase dois séculos, prioriza essa forma dominante. Em certa medida, ser jornalista significa dominar a pirâmide invertida e aplicá-la em qualquer história. Trata-se de uma técnica universal, de uma linguagem que se aplica potencialmente para tudo. Porém, quando se examina o jornalismo local, esse modelo pode ser insuficiente para dialogar com a realidade das comunidades.
2. Mesmo uma tecnologia que aparenta ser recursiva e circular como a inteligência artificial, Hui (2020) ainda a entende como uma superação do dualismo em sua mera funcionalidade subestimando o ambiente. Para o autor, a incapacidade de articular a relação entre localidade e tecnologia é um dos maiores fracassos do séc. XX.
3. De alguma forma o jornalismo local está sendo “discriminado” pelos algoritmos? Um exemplo para a discussão é o caso ocorrido no Canadá, em julho de 2023, com a promulgação da Lei de Notícias Online (Lei C-18). Ela exigiu que as big techs fizessem acordos comerciais com os meios de comunicação para o compartilhamento de notícias em suas plataformas, assegurando uma remuneração justa a jornalistas e organizações de mídia (Kahn, 2023). A reação da Meta, dona do Facebook e Instagram, foi bloquear todos os links de notícias de suas plataformas, aumentando assim a circulação da desinformação em seus domínios (Desinformação..., 2024). Segundo dados do site Desinformante, o jornalismo nativo digital e local canadense foi afetado. Veículos que tinham suas audiências prioritariamente advindas das redes sociais sofreram fortemente o impacto, dificultando a subsistência (Kahn, 2023).
4. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/>. Acesso em: 24 jul. 2025.
5. Disponível em: <https://www.midiaindigena.org/>. Acesso em: 24 jul. 2025.
6. Disponível em: <https://radioyande.com/>. Acesso em: 24 jul. 2025.
7. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/3Cw1zvNt48duSr4eCFdV>. Acesso em: 24 jul. 2025.
8. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/2xLiCmpfRqzDZkwvSpkC6O>. Acesso em: 24 jul. 2025.
9. No veículo Mídia Indígena, foi utilizado o texto do formulário do Instagram que consta no link da bio pela não identificação das seções citadas no site. O documento com os textos institucionais analisados está disponível em: <http://bit.ly/3H1429U>.
10. O The Trust Project, fundido ao Projeto Credibilidade no Brasil, é uma iniciativa que desenvolveu uma série de indicadores de credibilidade sobre princípios éticos e de conduta que devem ser seguidos por organizações noticiosas. Disponível em: <https://www.credibilidade.org/>. Acesso em: 24 jul. 2025.

SOBRE OS AUTORES

FRANCILENE DE OLIVEIRA SILVA Doutoranda em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), pós-graduada em Gestão da Comunicação em Mídias Digitais pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), pós-graduada em Jornalismo Literário pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL) e graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Integrante do Núcleo de Estudos e Produção Hipermídia Aplicados ao Jornalismo (Nephi-Jor/UFSC/CNPQ). *E-mail: oliveirafrancilene@gmail.com*

JAMILA CARVALHO Mestranda em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Possui MBA em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais pela Faculdade Estácio de Florianópolis (SC) e é graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Integrante do Núcleo de Estudos e Produção Hipermídia Aplicados ao Jornalismo (Nephi-Jor/UFSC/CNPQ). *E-mail: jamycarvalho@gmail.com*

ANDRESSA KIKUTI DANCOSKY Pesquisadora em pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) – edital 38/2022. Doutora pela mesma instituição, mestre e bacharel em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Pesquisa transformações estruturais no jornalismo, saídas para o jornalismo local, carreira e profissão de jornalistas, em perspectiva de gênero. *E-mail: andressakikuti@gmail.com*

JACQUES MICK Professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e colaborador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da UFSC. Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Pró-reitor de Pesquisa e Inovação da UFSC. *E-mail: jacques.mick@ufsc.br*

Artigo recebido em: 15 de agosto de 2025.

Artigo aceito em: 26 de outubro de 2025.